

REFLEXÕES SOBRE A FESTA DO MEL TENETEHARA*

REFLECTIONS ON THE TENETEHARA HONEY FEAST

REFLEXIONES SOBRE LA FIESTA DE LA MIEL TENETEHARA

Maria Mirtes dos Santos Barros
Claudio Zannoni

Resumo: Esse artigo pretende refletir sobre a Festa do Mel tenetehara como um dos rituais mais importantes desse povo, a partir do mito que originou essa festa, recolhido por Wagley e Galvão em 1940 e por nós em 1997 e 1998 e do ritual que nós presenciamos em agosto de 1989, na aldeia Bananal, da Terra Indígena Bacurizinho Grajaú, Maranhão. Pretende, ainda, relacionar esse mito com mitos narrados por outros povos indígenas para discutir as relações homem-natureza em sociedades originalmente de caçadores e coletores de floresta para entender como essas relações influenciam o pensamento e o comportamento social desses povos.

Palavras-chave: Povos indígenas do Brasil. Índios do Maranhão. Tenetehara. Mitos. Rituais. Festa do mel.

Abstract: This paper reflects on the Tenetehara Festival of Honey as one of the most important rituals of that people, from the myth that originated that festivity, gathered for Wagley and Galvao in 1940 and by us in 1997 and 1998 and the ritual we witnessed in August, 1989 in the village Bananal, in the Indigenous Land Bacurizinho, Grajaú, Maranhão. It also attempts to relate that myth with myths told by other indigenous people to discuss the man-nature relations in societies originally of hunters and gatherers of forest to understand how those relationships influence the thinking and social behavior of those people.

Keywords: Indigenous peoples in Brazil. Indians of Maranhão. Tenetehara. Myths. Rituals. Festival of honey

Resumen: Este artículo reflexiona sobre el Festival de Mel Tenetehara como uno de los rituales más importantes del pueblo, desde el mito de origen de esta fiesta, recogido por Wagley y Galvao en 1940 y por nosotros en 1997 y 1998 y por el ritual que fuimos testigos en agosto de 1989 en la localidad del village Bananal, de la Tierra Indígena Bacurizinho, Grajaú, Maranhão. Hay también el intento de relacionar este mito con los demás narrados por varios otros pueblos indígenas para discutir las relaciones hombre-naturaleza en las sociedades originalmente de cazadores y recolectores de los bosques para entender cómo estas relaciones influyen en el pensamiento y el comportamiento social de estas personas.

Palabras-clave: Pueblos indígenas en Brasil. Indios de Maranhão. Tenetehara. Mitos. Rituales. Fiesta de la miel.

1 INTRODUÇÃO

A *Festa do Mel tenetehara*¹ é a cerimônia mais importante desse povo e, por ser de difícil realização, a que menos foi estudada por pesquisadores. Existe uma reflexão sobre ela nos trabalhos de Wagley; Galvão (1955) e no livro de Levis-Strauss, "Do mel às cinzas" (2001).

Dentre os rituais tenetehara, esse é o que demanda mais tempo e recursos para sua preparação. Uma provável razão para isso é que a comunidade que organiza a festa deve providenciar quantidade de mel suficiente para os participantes, além de hospedagem e alimentação para todos os convidados. Além do mais, uma vez que se decide fazer a festa do mel deve-se realizá-la por, pelo menos, três anos consecutivos.

Segundo Wagley; Galvão (1955, p. 126-27), essa festa tem como ponto alto a música.

É uma festa cercada de tabus dado o seu teor profundamente religioso.

2 O MITO DE ORIGEM DA FESTA DO MEL TENETEHARA

Aruwê, caçador tenetehara, buscava na mata uma "espera", onde a caça fosse proveitosa. Encontrou uma faveira que, pelas araras pousadas lhe pareceu um bom local. Construiu uma tocaia sobre um dos galhos e foi tão feliz que nesse primeiro dia matou muitas araras. Entretanto, ainda não descera da árvore quando percebeu a aproximação de onças. Escondido, observou que elas vinham a essa árvore colher mel das muitas colméias que aí existiam. Somente após as onças se retirarem é que *Aruwê* desceu da árvore e voltou para a maloca. No dia seguinte, retornou à faveira, *Aruwê* matou outras araras, porém, como na véspera cuidou que as onças não o percebessem.

Entusiasmado com o sucesso de *Aruwê*, seu irmão pediu-lhe que o deixasse usar a tocaia, pois queria fazer um grande akangatára com penas vermelhas de arara. *Aruwê* consentiu e aconselhou ao irmão que esperasse pelas onças e ficasse quieto, retirando-se somente após elas abandonarem o local. O irmão,

* Artigo recebido em março 2010
Aprovado em julho 2010

porém após matar muitas araras, viu que as onças chegavam e decidiu enfrentá-las. Flechou a primeira sem resultado. Disparou novas flechas sem que ferisse qualquer uma das onças. Uma delas trepou na árvore e matou o rapaz.

Aruwê esperou um dia e uma noite pelo irmão. Como ele não voltasse, teve a certeza de que as onças o haviam matado. Foi até a faveira, onde construíra o esconderijo, e aí descobriu sinais de luta; a tocaia abandonada e muito sangue nos galhos e na terra. Seguindo o rastro de sangue, andou muito até chegar a um formigueiro, onde os rastros desapareciam. Aruwê voltou para a maloca. Ele era pajé e preparou um cigarrão com fumo e *tawari* para puxar karowára. Voltou novamente ao local, onde os rastros desapareciam e, transformando-se em uma formiga, penetrou no buraco. Foi dar a um grande túnel que se alargava cada vez mais. Ali havia muitas casas, muita gente, tal como uma grande aldeia. Era a maloca das onças (*zawarehu nekwaháo*). Aruwê tomou forma de gente e começou a procurar o irmão. Encontrou uma cunhã que dele se agradou e o convidou para morar com ela e seus parentes. Estes gostaram muito do rapaz. O pai da cunhã fora o matador do irmão de Aruwê.

O *tenetehara* observou que, durante dias seguidos, as onças deixavam a maloca, para voltar à tarde com cabaças cheias de mel, que eram penduradas nos esteios de uma casa. À noite entoavam canções muito bonitas junto à casa onde era guardado o mel. Aruwê maravilhou-se com essas canções. Quando já havia um bom número de cabaças cheias de mel, as onças se reuniram para uma grande festa – A Festa do Mel. Chegaram cantadores pintados de urucu e jenipapo, enfeitados de penas de arara e gavião. Dançavam e cantavam, bebendo mel misturado com água. As canções tinham início ao amanhecer e cessavam ao por do sol, quando todos se retiravam para suas casas a fim de descansar, reiniciando a festa no dia imediato. A festa só terminou ao acabar o mel. Aruwê aprendeu as canções e todo o cerimonial da festa, até então desconhecida pelos *Tenetehara*.

Com muitas saudades do filho e da mulher que deixara na maloca *tenetehara*, o caçador pediu às onças que o deixassem partir. Sua mulher-onça o guiaria de volta à maloca das onças. Acompanhado da mulher, saiu pelo mesmo buraco de formiga por onde entrara. Dirigiram-se para a aldeia e, ao aproximarem-se, Aruwê recomendou à mulher-onça que o esperasse nas imediações. A esposa *tenetehara* o recebeu com muita festa e foi preparar-lhe um mingau de mandiocaba. Demorou muito, e Aruwê, ao voltar para procurar a mulher-onça, não mais a encontrou. Cansada de esperar, ela voltara para a maloca, tomando o cuidado de tapar o buraco do formigueiro para que o *Tenetehara* não mais a encontrasse. Após procurar em vão pela maloca das onças, Aruwê voltou a viver com os seus, ensinando aos companheiros *tenetehara* as canções que aprendera com as onças. Desde então, os *Tenetehara* passaram a celebrar a Festa do Mel. (WAGLEY; GALVÃO, 1955, p. 148-49).

A trama desse mito dá-se entre Aruwé, seu irmão e as *onças voadoras*, habitantes do mundo subterrâneo. Sob o pretexto de conseguirem penas para vestir seus dependentes, os dois caçadores se lançam, um após o outro, sobre araras, jacus, tucanos, jandaias.... O irmão, cujo nome não aparece na narrativa, além de também matar esses animais, tenta matar a "*onça mais bonita e feroz*".

Aruwé esteve na tocaia por duas vezes consecutivas e matou muitas aves. O irmão dele foi apenas uma, e já foi pego pelas onças. Quem é o irmão de Aruwé? Foi ele quem se excedeu? Por que Aruwé precisava voltar, se ele já havia feito uma caçada satisfatória no primeiro dia? Quem realmente foi punido?

Entendemos, portanto, que não há distinção entre Aruwé e seu irmão. Os dois são facetas da mesma condição do caçador *tenetehara* que precisa da natureza para sobreviver e sustentar a comunidade e, justamente por isso, não pode se exceder no seu ofício de caçador respeitando os tabus ligados à natureza e aos sobrenaturais. Indicamos, portanto, Aruwé como o alter-ego do caçador e o irmão, o caçador.

Se Aruwé já havia matado tantos animais não deveria ter dado plumas a seu irmão ao invés de ceder aos seus apelos? Assim, Aruwé, como alter-ego do caçador, conhece e respeita as regras; enquanto o caçador as conhece, mas duvida delas, desrespeitando-as. Em se tratando da quebra de tabus, como pretexto para a aquisição de bens culturais imateriais, o caçador coincide com o perfil de um herói *trikster*. A quebra de tabus, portanto, não se deu quando o caçador atirou suas flechas contra as onças, mas quando Aruwé foi, por duas vezes consecutivas, à tocaia para matar mais aves.

Em 1997 e 1998 recolhemos esse mito entre os *Tenetehara* da região de Amarante e Arame (MA). Ele mantém a mesma estrutura que se conservou até hoje. No entanto, apresenta algumas variáveis importantes a serem analisadas.

Naquele tempo nós não sabíamos cantar. Nós cantávamos como o "rele"², como os cantos de caçadas... Nessa época os índios viviam cobertos de penas, não tinham roupas. Só tinham penas de arara e faziam a roupa com elas.

Um dia, um índio fez uma tocaia. Era o tempo em que as bolotas de fava estavam para amadurecer. Este viu que tinha muita arara comendo-as e disse: *vou fazer minha tocaia aqui*.

Ele fez a tocaia em cima do pé de faveira. Pela manhã, entre sete e oito horas, costumava aparecer a "onça do vento" para também comer essa flor doce das abelhas.

O índio passou uns dias na tocaia matando pássaros: arara, jacu, tucano, jandaia... Veio também a onça, aquela mais feroz e bonita de todas, mas ele não mexeu com ela.

O índio levou para a aldeia um grande feixe de penas. Seu irmão pediu que lhe cedesse a tocaia para que ele pudesse matar pássaros também e assim fazer a roupa para a família dele.

Este não queria ceder a "espera" porque era muito perigoso. Lá apareciam umas onças grandes e não podiam ser mortas por ninguém, caso contrário iria acontecer alguma coisa com quem fizesse isto.

Após muita insistência, o "dono da tocaia" concordou em cedê-la ao irmão.

Este foi e caçou muitos pássaros. Entre sete e oito horas da manhã, as onças chegaram após uma ven-

tania. Ele viu a maior delas, que devia ser o chefe do bando, e pensou em matá-lo a fim de tirar o couro e fazer roupa para toda a família.

Ele já havia amontoado muitas penas de arara. Embora já tendo feito isto, flechou a onça grande. No mesmo instante, todas as onças foram contra ele e derrubaram a tocaia até ele cair da faveira. Logo foram embora arrastando-o.

Não o vendo voltar para a aldeia, o irmão ficou preocupado e foi ver o que havia acontecido.

Chegando lá encontrou a tocaia derrubada no chão. Ele foi atrás do irmão seguindo o sangue que havia pingado no chão até à casa da formiguinha, aquela casa cuja entrada parece com a boca de um pote. O sangue tinha pingado bem na boquinha³.

Pensou o que fazer. Transformou-se num formigão preto e entrou. Quando chegou lá, estavam flechando o irmão. Ele ficou com muita pena. Irei ficar aqui até descobrir como voltar.

Lá, as onças estavam fazendo a festa do mel e a festa do moqueado... Assim ele pode aprender a cantoria.

De noite, ele viu que estavam tirando o mel daquelas flores. Eles as espremiavam numa cumbuca e começavam a cantar: *reimerico, aeire, mona momaca, reimerico, reire katu aemico*. Aí ele ia aprendendo a cantiga.

Este gostou da cantiga e decidiu ficar para aprender mais. Ele se escondia durante o dia e à noite ele saía com as onças para brincar⁴ mas ninguém percebia que ele era outro⁵, porque do contrário teriam feito o mesmo que fizeram com o seu irmão.

Eles diziam: a festa estava bem animada, mas aquele malvado que flechou nosso chefe atrapalhou tudo. Ele irá sofrer também.

O irmão estava escutando a conversa e gravando na mente os cantos: *kerii moma monaque, kerii moma monaque, kiuia kori, ipiré, kiuia kari*.

Formou-se uma fila dançando e ele entrou no meio. Ninguém desconfiou dele porque já estava sabendo como fazer. Cantou a noite toda, até que as mulheres tomaram conta da cantoria.

Ao terminar a festa do mel, eles fizeram a festa do moqueado⁶. O índio ficou lá só aprendendo tudo até que, com um ano, ele retornou à aldeia.

Este trouxe o que aprendeu e ensinou isto para os Tenetehara. Foi de lá que nós aprendemos todas as nossas festas. De lá ele trouxe a festa do mel, do moqueado, dos rapazes, a festa de tudo.

O irmão dele ficou lá porque as feras o haviam transformado em uma outra pessoa, assim não pode mais achar o caminho de volta. (ZANNONI, 1999, p. 59-61; 2004, p. 18-19).

Para os atuais Tenetehara, esse mito fundamenta todos os rituais que eles praticam até hoje. Vale nos perguntar por que esse mito, recolhido em 1940 por Wagley e Galvão, como fundamento da festa do mel, apresenta-se agora como a base de todos os rituais. Se de um lado pode responder à necessidade de atribuir uma origem comum a todos esses, visto que a festa do mel é praticada somente em algumas aldeias mais afastadas e em regiões de floresta propícias à coleta do mel, enquanto os outros rituais (da puberdade feminina e masculina e relativos às crianças) são praticados periodicamente; do outro, podemos inferir que o mito acima estabelece

uma relação indispensável entre humanos e sobrenaturais, entre a cultura e a natureza. Essa relação se dá em todos os momentos da vida do Tenetehara e, especialmente, é manifesta nos rituais. Por isso, se antigamente o mito estava relacionado somente à festa do mel, considerada como o ritual por excelência dos Tenetehara, essa mesma relação se estabelece também com os outros rituais onde se celebra a relação dos humanos com o mundo sobrenatural, com o mundo da natureza e, portanto, a relação entre a vida humana e os espíritos.

A expressão: "não sabíamos cantar", dita no início da narrativa, tem a intenção de justificar o procedimento do caçador, uma vez que as regras de relacionamento homem-natureza foram dadas a partir do aprendizado da festa do mel. "Não tínhamos roupas" é o pretexto para caçar aves de plumagem colorida; "não sabíamos cantar" equivale a dizer "não conhecíamos as regras inerentes às caçadas". Por outro lado, podemos inferir que Aruwé sabe que não se pode matar o chefe das onças, o dono do mel e, provavelmente, o chefe dos animais, personificação de regras e tabus. Como caçador, sabe que enquanto existir tal "chefe" ele nunca será completamente livre para matar o que quiser e quando quiser sem sofrer punições por parte dos espíritos. Porém, enquanto herói, ele traz para a sociedade cantos bonitos. Mas, isso só aconteceu graças ao sacrifício do caçador atrapalhado. A contrapartida do sacrifício é atribuída não ao alter-ego, mas ao caçador. A recompensa é o aprendizado dos cantos, mas a "missão" de Aruwé é reaprender as regras de relacionamento com o mundo externo. Aruwé, simbolicamente, morreu através do irmão que foi sacrificado. No entanto, quando ele voltou ao convívio da aldeia, havia incorporando novamente os dois, o alter-ego e o caçador como a indicar que os dois fazem parte da natureza do caçador e do seu relacionamento com a natureza e a cultura. Nesse sentido, o homem não pode ser caçador enquanto ele não souber se relacionar com o mundo sobrenatural. É por isso que, na festa de iniciação masculina (ZANNONI, 1999, p. 75-77. 2004, p. 24), ele deve aprender a controlar os espíritos, a cantar com o maracá, a ser caçador e pajé ao mesmo tempo.

Ao entrar em contato com o mundo sobrenatural ele adquiriu poderes para mediar o relacionamento com esse mundo inacessível aos não iniciados e às mulheres. Entrou no "formigueiro" um caçador corajoso e também, provavelmente, um guerreiro e voltou um sábio e poderoso chefe de rituais com a responsabilidade de instruir os demais sobre as regras de relacionamento entre sociedade e natureza.

Silvia M. S. de Carvalho (1979, p.13) diz que:

Há uma constante nos mitos em geral: todos eles refletem o dilema que a humanidade enfrenta, desde que surgiu na face da terra, de como e o que fazer para restabelecer o equilíbrio do Universo, rompido pelo homem. Todo grupo humano rege suas relações com o mundo exterior (qual seja, o da natureza, o sobrenatural, o dos inimigos) pelo princípio da reciprocidade (ainda que se trate da reciprocidade negativa).

Campbell (2006, p. 37-39), ao tratar de um mito do povo Blackfoot (pés pretos)⁷, apresenta um personagem que, pisoteado até a morte por touros míticos, ressurgiu a partir de uma única vértebra, graças ao canto entoado por sua filha, esposa do chefe da manada, que concede à moça de voltar à sua aldeia, não sem antes pronunciar essas palavras:

Aha! Então você está se lamentando por seu pai! Talvez agora, quem sabe, você compreenda como acontece e como sempre tem acontecido conosco. Temos visto nossas mães, nossos pais, todos os nossos parentes abatidos e massacrados pelo seu povo. Mas eu devo ter pena de você e eu vou lhe dar uma só oportunidade. Se puder trazer seu pai de volta à vida, você e ele podem voltar para o seu povo. (...) Agora antes que vá com seu pai, nós lhe ensinaremos nossa dança e nossa canção, que você nunca deverá esquecer. (...) Agora volte para casa e não se esqueça do que viu. Ensine essa dança e essa canção ao seu povo. O objeto sagrado do rito deve ser uma cabeça de touro e um manto de búfalo.

Canção e dança são veículos de força mágica. O mito de origem da festa do mel diz que as onças do mundo subterrâneo:

Dançavam e cantavam, bebendo mel misturado com água. As canções tinham início ao amanhecer e cessavam ao por do sol. Aruwé voltou a viver com os seus, ensinando aos companheiros tenetehara as canções que aprendera com as onças. Desde então, os Tenetehara passaram a celebrar a Festa do Mel. (WAGLEY; GALVÃO, 1955, p. 148-49)

A origem da festa, denominada Wý'tý, foi ensinada aos Krikati⁸ por um personagem oriundo do mundo subaquático trazido pelo herói Kukroh para a aldeia (BARROS, 2002, p. 106). No mito de origem desse mesmo ritual, narrado pelos Gavião⁹, o caçador, devorado por piranhas, teve seu corpo reconstituído por piabas e ressuscitado pelo surubim. Após isto ele teve que aprender o ritual e comprometer-se a ensiná-lo aos demais. (NIMUENDAJU, 1946, p. 202)

No mito dos Blackfoot, o homem volta à vida graças ao canto de sua filha. Porém, ambos devem ensinar para seu povo a dança e o canto que aprenderam.

Campbell (2006, p. 39) diz que o canto e a dança são os veículos da força mágica dessas cerimônias de invocação dos espíritos dos animais mortos

como representando um pacto místico entre o mundo animal e o humano, e da canção e da dança como sendo os veículos da força mágica dessas cerimônias.

O que é ideologicamente a festa do mel numa cultura de caçadores coletores? Vejamos alguns aspectos. Uma informação patente no mito é que os Tenetehara conhecem em profundidade os mecanismos da natureza e a interdependência entre as espécies. A grande maioria dos mamíferos e pássaros não se alimenta de mel, contudo sua sobrevivência depende da atividade das abelhas. Outros animais (aves e mamíferos) são os responsáveis pela dispersão das sementes na floresta. As abelhas são (juntamente com besouros e morcegos) aquelas responsáveis pela fecundação (polinização) das flores, que gerarão novos frutos e conseqüentemente novas sementes. Com a atividade dos animais as abelhas ganham flores de onde retiram o néctar para a produção de mel. Com o trabalho das abelhas os outros animais ganham frutos e mel. A festa do mel é a manifestação de que a humanidade é consciente dessa interdependência e que o Homem é o único que pode pôr em risco esse equilíbrio e comprometer o destino de todos.

A festa do mel gira em torno da atividade de caça. Através desse ritual os caçadores buscam o sucesso de uma boa caçada. E, para que haja uma boa caçada, é necessário caçar com parcimônia e não interromper o processo reprodutivo das espécies. Portanto, mais que um ritual propiciatório, a festa do mel ensina as regras pelas quais o caçador deve se pautar para que nunca falte alimento para seus dependentes. O mito não fala de uma punição explícita por matar a onça, pois isso não aconteceu, mas apenas tentativas frustradas. Um outro aspecto é a necessidade da cooperação. Se não se coopera o resultado do trabalho ou da guerra, ou da coleta será insatisfatório. O outro é que, na coleta de mel, ou de frutas, as pessoas não devem colher mais do que podem carregar para casa, do contrário, essa atitude levaria à escassez. Do mesmo modo deve se proceder em relação às caçadas e pescarias.

No imaginário desses caçadores-coletores, a cultura, seja ela material ou simbólica, é resultante de conquistas empreendidas por heróis. Por isso podem usufruir, mas não tomar posse ou destruí-la, pois sua origem não se deu no domínio humano. Conforme Barros (2007, p. 150):

A concepção de não autoria humana da cultura presente nos mitos tem um papel importante na manutenção de certas regras. O que tem origem na esfera humana é de domínio humano, mas tudo o que tem origem na esfera sobrenatural é de domínio dos seres dessa esfera. As doenças, mesmo aquelas advindas do contato com os brancos, são conseqüências da ação de um ser sobrenatural. Só o xamã pode intervir, porque está autorizado a fazer mediações entre os espíritos e os humanos. Porém, o meio mais seguro ainda é respeitar essas regras.

Um outro tema também presente em mitos e conexo com a negação de autoria humana de bens culturais, regras e tabus é o ser imaginário que Carvalho chama de *Senhor dos Animais* (1979) e que, são em essência, os guardiães, os que zelam pela natureza, e admoestam os que incorrem em quebra de tabus. São eles que acionam os espíritos para punirem os maus caçadores, por exemplo.

3 A ORIGEM DO MEL

Para tratar da origem do mel, Lévi-Strauss (2001, p. 73-75) apresenta uma narrativa do povo Ofaié sobre sua origem, que aqui passamos a resumir.

Houve um tempo em que não havia mel. No entanto, os filhotes do lobo, que era o senhor, viviam lambuzados de mel. Porém, quando os outros animais perguntavam, ele dizia não saber a origem do mel. O Irara¹⁰, usando de um estratagema, fez com que o lobo dissesse de onde retirava o mel. Então, os animais se organizaram e saíram em busca de um pouco de mel. Depois de vários dias de caminhada avistaram a "casa" das abelhas, cuja entrada era guardada por vespas venenosas. Um após outro, os passarinhos tentaram se aproximar, mas eram picados pelas vespas e morriam. O menor de todos, um pica-pau, conseguiu evitar as vespas e pegar o mel. "Então, meu filho" disse o Irara: "Agora temos o mel. Mas, é pouco, se o comermos acabará logo". Então, ela pegou o mel, deu a todos os animais *uma muda de mel* para que a plantassem e construíssem ali uma casa. Quando houvesse bastante mel, eles voltariam. Acontece que, alguns dentre os animais comeram sua muda de mel. Assim, o chefe dos animais constatou que não havia mel suficiente para todos. "Continuaremos sem o mel. Esperem um pouco e teremos mel suficiente para todos". Enquanto isso eles haviam deixado as abelhas na floresta. Mais tarde reuniu os habitantes e disse a eles para pegar seus machados e procurar o mel. "Agora, a floresta está cheia, tem de tudo: mel, borá, mandaguari, jati, madassaia, caga-fogo. Podem pegar o quanto quiserem, não acabará nunca, desde que peguem só a quantidade que possam transportar em suas cabaças. Aquele mel que vocês não podem levar devem deixar na colméia depois de bem fechado o buraco que fizeram para esperar a próxima vez".

O próprio Lévi-Strauss (2001, p. 75) continua:

O mel originário é como uma planta que germina, cresce e amadurece. Na sistemática indígena o mel é classificado como pertencente ao reino vegetal.

Os Tenetehara conhecem várias plantas que eles classificam como melíferas, não só

porque são procuradas pelas abelhas para produzirem mel, mas porque suas flores são ricas em néctar: a faveira¹¹, a mangabeira-brava¹² e a emburuçu¹³. Essas plantas são apreciadas por araras, papagaios e periquitos. Nesse sentido, há um paralelo entre a narração tenetehara de origem dos rituais e essas práticas da coleta. De fato, Aruwé procurou sua espera numa faveira porque suas flores (bolotas) eram procuradas especialmente pelos papagaios, por outros pássaros da mesma espécie e, sobretudo, pelas *Onças*, donas da faveira.

Quanto aos mitos tenetehara, não falam em momento algum sobre a origem mítica do mel. Podemos, portanto, concluir que para esse povo o mel é fruto da coleta e a coleta dos frutos das plantas, assim como do mel, é uma dádiva dos heróis culturais, de Maíra que criou a natureza.

4 A FESTA DO MEL TENETEHARA

Conforme Campbell (2006, p. 42-43):

A função do ritual é a de dar forma à vida humana, não à maneira de um arranjo superficial, mas em profundidade. (...) Os mitos são os suportes mentais dos ritos; e os ritos, a ratificação física dos mitos.

A Festa do Mel é uma cerimônia cercada de inúmeros tabus e cuidados. Sua realização acontece entre os meses de julho e agosto.¹⁴ Para sua realização é preciso um longo tempo de preparação que, pode durar de 6 a 8 meses, quando as pessoas da comunidade ficam responsáveis de colher, em suas andanças pelo mato, o mel que acharem nas colméias espalhadas pela floresta.

Nesse sentido, porém, deve-se respeitar a regra do mito de que só pode ser retirado o mel que podem carregar para casa em suas vasilhas. Quando, portanto, um Tenetehara encontrar uma colméia, não deve destruí-la com fogo¹⁵. Dessa maneira, ele preservará a colméia para que as abelhas possam produzir mais mel e se alimentarem.

Ao retornar à aldeia, as cabaças (ou garrafas)¹⁶ contendo o mel colhido, serão amarradas na cumeeira da casa preparada para a festa. Essa terá um tamanho que possa abrigar a quantia de vasilhas suficiente para os convidados. Esse será o referencial para a realização da Festa: quando ela estiver repleta de vasilhas cheias de mel.

A partir do momento em que a primeira vasilha de mel for amarrada na cumeeira, toda as noites os moradores se alternarão com cantos: as mulheres cantando dentro da casa e os homens, do lado de fora, em frente à entrada. Essa cantoria, evoca os animais e pássaros da floresta.

Quando houver mel suficiente, então é marcado o dia da festa convidando as aldeias

próximas e aquelas relacionadas a esta por laço de parentesco.

No dia anterior ao marcado, e mesmo no dia de início da festa, chegam os convidados. Eles serão acolhidos, conforme os laços de parentesco, pelas famílias da aldeia e lá passarão a morar durante os dias da festa.

A festa se inicia à noite com a cantoria em frente à "casa do mel" até mais ou menos à meia noite. Após este horário, as pessoas recolhem-se em suas casas para, pela manhã, bem cedo, retomar a cantoria, antes do amanhecer. A partir das oito horas, os encarregados da festa e os cantores param e descem as primeiras vasilhas da cumeeira. Vale ressaltar que o mel contido nas vasilhas e depositado alguns meses antes, iniciou seu processo de fermentação. Essas primeiras vasilhas de mel são diluídos com água¹⁷. É uma bebida forte, com um certo grau alcoólico por causa da fermentação.

A partir desse momento, os cantores, se revezando, cantam andando de casa em casa pela aldeia e, parando em frente a cada uma, oferecem essa bebida às pessoas. A grande panela é carregada por dois homens que seguram na mão uma concha para oferecer a bebida aos participantes da festa. Todos tomam desse mel. Diz-se que precisa ter cuidado em tomar essa bebida, porque é forte demais.

Essa peregrinação pela aldeia dura o dia todo até o pôr-do-sol, quando os cantores se recolhem em frente à "casa do mel" e participam da cantoria que ali começa até o entardecer. Não há uma pausa específica para o almoço ou o jantar, mas cada qual, quando tiver fome, aproxima-se de sua residência, e faz sua refeição.

Esse ritual dura até que houver mel, o que corresponde de três a cinco dias, dependendo do número de participantes.

Quando estiverem faltando somente algumas vasilhas para terminar o mel, então é marcado o encerramento da festa. Distribui-se o mel até que acabe e são entoados os cantos finais como encerramento. Após isto, todos voltam para suas casa e comprometem-se a participar dessa cerimônia nos próximos dois anos.

Durante esse período (cerca de três anos) não pode haver desavenças nem mortes violentas na aldeia e, especialmente, entre seus moradores. É, portanto um ritual de coesão entre os indivíduos e de harmonização desses com a natureza. Essa coesão, que podemos chamar de cooperação, envolve todos os moradores adultos da comunidade.

O "mito de origem do mel" e a "festa do mel" guardam semelhanças entre si, senão vejamos. Para multiplicar a "plantação" de mel a Irara contou com a cooperação dos animais. Porém, constatou que alguns dentre estes, ao

invés de plantarem suas mudas de mel, comeram-nas. Do mesmo modo, aquelas mudas que não foram plantadas adequadamente malograram. Por essa razão, não havia mel suficiente para todos e, assim, ninguém podia colher mel.

Uma casa também foi construída no mito. Uma casa para guardar o mel também é feita como parte dessa festa. Não se inicia a distribuição do mel aos convidados enquanto não houver o bastante para todos, enquanto a cumeeira não estiver cheia de vasilhas com o mel.

De onde vem essa semelhança não sabemos, mesmo porque os Ofaié são classificados como *sem-família* linguística dentro do tronco Macro-jê (DUTRA, 1996, p. 76), enquanto os Tenetehara pertencem ao tronco linguístico-cultural tupi. Por esse motivo, podemos afirmar que a semelhança não está relacionada ao fato de que assim como no mito, na cerimônia da "festa do mel" celebra-se a relação do homem com a natureza. Celebram-se e narram-se, portanto, as regras de consumo para essas sociedades: não abater animais mais do que o necessário, não colher mel, mais do que precisam para a festa, não colher frutas mais do que a sociedade precisa, e assim por diante. Estabelece-se, portanto, um *feed-back* entre sociedade e natureza, entre cultura e sobrenaturais, entre a vida e a morte representada pelo mundo subterrâneo onde reina o espírito das *Onças* e onde, também, aprende-se a vida.

O sacrifício do caçador, que não pode mais voltar aos seus, traz bens culturais para a sociedade, traz os cantos, as danças e assim por diante. Se Maíra dá à sociedade os bens da natureza: plantas, animais, peixes etc. (ZANNONI, 2002, p. 62), o mundo subterrâneo dá para os Tenetehara os bens culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, há alguns aspectos a considerar.

Se o mel representa a alimentação das abelhas, a caça, para um povo de caçadores e coletores, também representa essa relação com a alimentação dos humanos. Como as abelhas coletam nas flores o néctar para a produção do mel e para sua alimentação, assim os humanos caçam (coletam) na floresta os animais que a natureza lhe oferece para sua alimentação.

O mito de origem da festa do mel guarda semelhanças com aquele do desanhinhador de pássaros dos Xavante (GIACCARIA; HEIDE, 1975, p. 13-26). O herói atrapalhado é obrigado a entregar à onça, dona do fogo selvagem, o objeto primeiro de sua aventura, os filhotes de arara. Acidentalmente descobre o fogo e

seus benefícios. Organiza uma expedição para levá-lo à aldeia. A Irara também procede de modo semelhante para descobrir a "casa das abelhas" (LÉVI-STRAUSS, 2001, p.74). O desaninhador de pássaros, assim como o caçador imprudente, cai nas garras das *Onças*. O primeiro volta para casa levando o fogo selvagem, o segundo, através de seu *alter-ego*, traz consigo cantos bonitos e a festa do mel.

O mito de origem da festa do mel também guarda semelhança com o mito dos gêmeos (ZANNONI, 2004, p. 9-18), onde um é arguto enquanto o outro é atrapalhado e imprudente. É ele que cai por imprudência nas garras das *Onças*. Paga, de um lado, com a própria vida pelos cantos e, de outro, é tomado hipoteticamente como bode expiatório pela quebra de tabus, de cuja mácula foi impregnado para merecer sua metamorfose, isto é, tornar-se membro da tribo dos seus algozes, e por isso não pode voltar ao convívio da aldeia. Do outro é escolhido como vítima para a obtenção de bens culturais imateriais.

Nesse aspecto, mel e tabaco se associam, pois os mitos de origem do tabaco são aqueles relacionados à conquista de bens culturais. No dizer de Lévi-Strauss (1991, p.57):

O mel e os modos pelos quais ele é buscado e consumido constituem uma espécie de emergência da natureza na cultura. Inversamente, o tabaco - que é o meio de comunicação com o mundo sobrenatural e que é utilizado para convocar os espíritos - corresponde a uma manifestação cultural no próprio seio da natureza.

Aruwé, o irmão prudente, herói e alter-ego do caçador imprudente, antes de empreender a viagem de busca ao seu irmão desaparecido fuma um cigarro enrolado em entrecasca de tauari¹⁸: "Aruwé voltou para a maloca. Ele era pajé e preparou um cigarrão com fumo e tawari para puxar *karowára* (espíritos). Voltou novamente ao local, onde os rastros desapareciam e, transformando-se em uma formiga, penetrou no buraco." Aruwé, enquanto pajé, precisava não propriamente resgatar seu irmão morto, isso parece apenas pretexto, mas apaziguar os espíritos da natureza enfurecidos pela quebra de tabus. Esses tabus e regras são personificados pela *Onça* "mais bonita de todas".

Podemos, portanto, concluir que a "festa do mel" tenetehara era a cerimônia mais importante desse povo e até hoje ela é considerada assim. No entanto, há alguns elementos que impedem sua realização em várias aldeias. O primeiro é devido aos tabus que cercam esse ritual, entre eles o fato de que não pode haver brigas nesse período porque, do contrário, isto pode provocar doenças e mortes na aldeia. Em segundo lugar o fato de que, com o avanço da ocupação dos territórios indígenas e a devas-

tação das florestas próximas a estes, provocou o desaparecimento de espécies vegetais indispensáveis às abelhas para a produção de mel. A coleta feita de forma predatória por regionais também pode ter contribuído para a acentuada diminuição das colméias no serrado e nas florestas. Enfim, o falecimento da maioria dos cantores tenetehara que conheciam os cantos desse ritual.

A prática, ainda em algumas aldeias tenetehara, é uma esperança para que esse ritual não venha a desaparecer completamente. Se isso acontecer restará um vazio nas relações entre homem e natureza.

NOTAS

1. Povo que habita no Maranhão, entre os rios Meirim, Corda, Pindaré, Zutiwa e Caru, na pré-Amazônia maranhense, em nove áreas indígenas, com uma população total de cerca de 20.000 índios.
2. Barulho produzido pela fricção da mandioca contra o ralo.
3. Na entrada do formigueiro.
4. Cantar e dançar.
5. De outra tribo.
6. Da puberdade feminina.
7. *Blackfoot* (pés pretos) ou *Niitsítapi* (povos originais) é o nome coletivo de três nações indígenas norte americanas. A Confederação *Blackfoot* consiste dos Peigan do Norte (*Aapátóhsipikáni*), os Peigan do Sul (*Aamsskáápipikani*), a Nação Kainai (*Káínaa*: "Sangue"), e a Nação Siksika ("Blackfoot") ou mais corretamente *Siksikáwa* ("povo Blackfoot"). Os Peigan do Sul estão localizados em Montana, e as outras três estão localizadas em Alberta. Quando reunidos eles costumam chamar-se de *Niitsítapi* (o "Povo Original"). Esses grupos têm em comum a língua e a cultura, têm tratados de defesa mútua, e liberdade de casamento entre os grupos. (Wikipédia).
8. Povo do tronco linguístico Macro-Jê, da família Timbira, que vive na T. I. Krikati, entre os atuais municípios de Montes Altos, Sítio Novo, Amarante e Lageado, no Maranhão.
9. Povo do tronco linguístico Macro-Jê, da família Timbira, que vive na T. I. Governador, no município de Amarante (MA).
10. Conhecido também como papa-mel (*Tayra barbara*).
11. Conhecida como Fava-de-bolota (*Parkia pendula*).
12. *Hancornia speciosa*.
13. Conhecida também como *Tawa'ri* (do tupi).
14. A Festa do Mel da qual participamos aconteceu entre os dias 20 e 24 de agosto de 1989, na Aldeia Bananal, Área Indígena Bacurizinho, Grajaú (Maranhão).
15. Um dos perigos para a destruição das colméias na floresta é a utilização do fogo que provoca a morte de animais e, sobretudo, de insetos que vivem nas plantas.
16. Ultimamente utilizam-se garrafas de vidro, mais práticas para o armazenamento do mel durante vários meses.
17. "Na América do Sul onde o mel de melipona é muito forte, e por vezes tóxico, é preciso *molhá-lo*

com água para poder consumi-lo". (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 57).

18. Conhecido, também, como "mortalha de cigarro" por vários motivos: um deles é que a casca de tauari era utilizada para enrolar o morto antes do sepultamento, o outro pelo fato de que o cigarro de tauari é utilizado pelos pajés para curar as pessoas através do fumo que preserva contra os espíritos maus. (ZANNONI, 1999, p. 79).

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Mirtes dos Santos. *A arte krikati: uma abordagem sociológica*. 2002. 276 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

_____. A sociedade das *Wý'týpehj* e o apaziguamento na sociedade krikati. *Quadreni di Thule* – Revista Italiana de studi americanistici, Perugia, Itália, n. 7, p. 147-153, 2007.

CAMPBELL, Joseph. *Para viver os mitos*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Sílvia Maria Schmuziger de. *Jurupari: estudos de mitologia brasileira*. São Paulo: Ática, 1979.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *Ofaié: morte e vida de um povo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1996.

GIACCARIA, Bartolomeu; HEIDE, Adalberto. *Jerônimo xavante conta: mitos e lendas*. Campo Grande, MS: Casa da Cultura, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Minhas palavras*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Dal miele alle ceneri*. Milano, Itália: Il Saggiatore, 2001.

NIMUENDAJU, Curt Unkel. *The eastern timbira*. Berkley; Los Angeles: University of Califórnia Press, 1946.

WAGLEY, Charles; GALVÃO, Eduardo. *Os tenetehara: uma cultura em transição*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

WIKIPEDIA. Confederação Blackfoot. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blackfoot>> Acesso em: 16 mar. 2010.

ZANNONI, Cláudio. *Conflito e coesão: o dinamismo tenetehara*. Brasília, DF: Conselho Indigenista Missionário, 1999.

_____. Identidade tenetehara. In: Wagner Cabral da Costa. *História do Maranhão: novos estudos*. São Luís: EDUFMA, 2004.

_____. *Mito e sociedade tenetehara*. 2002. 321 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.